

ENTREVISTA


Paula Okada Tong

O começo de uma carreira em Engenharia Civil.

Paula Okada Tong formou-se engenheira civil na Poli. Nesta entrevista ela relembra seus tempos no colégio, a preparação para o vestibular, o curso na USP e suas atividades profissionais, desde o estágio. Também conta o valor de seu intercâmbio em Udine, na Itália.

JC – Como foi sua escolha de Engenharia como carreira?

Paula – Minha família tem um histórico na Engenharia. Na escolha foquei no que pudesse me dar um futuro mais promissor e também em seguir uma profissão que fosse curiosa, ou seja, que me abrisse diversas áreas em que eu pudesse atuar.

Além da Fuvest, quais vestibulares você prestou para Engenharia?

Unesp, Unifesp e Unicamp. Na Unicamp, para Engenharia de Alimentos, área de que sempre gostei também.

Quando você entrou no Etapa?

No 9º ano do Fundamental.

O que trouxe você para cá?

Eu queria entrar no Etapa porque ouvia muito sobre os professores. Além de você aprender de uma forma mais dinâmica, eles eram animados. Isso influenciou em minha vinda para o Etapa. E minha mãe queria que eu e meu irmão passássemos numa boa faculdade e já tinha escutado muito sobre o Etapa. Assim, minha mãe acabou nos matriculando aqui, a mim e a meu irmão.

No Ensino Médio você teve de fazer alguma coisa a mais para entrar na Poli?

Eu fazia tudo o que o Etapa oferecia. Os simulados eu fazia sábado, às vezes até os abertos, que eram no domingo. Estudava todos os dias, fazia todas as lições, procurava fazer tudo.

Você chegou a participar de alguma atividade fora de sala de aula?

Eu gostava bastante de esportes, então participei de campeonatos de futebol e de handebol. Até tenho uma medalha.

No 3º ano mudou alguma coisa na sua rotina de estudos?

Mudou porque no 3º ano eu me dediquei exclusivamente ao vestibular.

Como foi sua adaptação à Poli?

O fato de meu irmão já estar lá facilitou minha adaptação. Também no Etapa, tive Derivadas numa das últimas aulas – matéria que não cai no vestibular, mas foi uma das coisas que me ajudaram a não ficar tão assustada na Poli.

Nesse início na USP, quais foram as principais dificuldades que você enfrentou?

Um dos problemas que tive foi a dificuldade das provas. Mas no 1º ano eu consegui tempo até para jogar futebol no primeiro semestre e fazer um curso de italiano no segundo, na própria faculdade, a preço acessível.

Além de jogar futebol e estudar italiano, o que mais você fez durante o curso?

No segundo semestre do 2º ano eu consegui uma bolsa para trabalhar na própria faculdade. Nada tinha com Engenharia, ape-

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Civil

1
CONTO

O monstro de rodas – Antônio de Alcântara Machado

4
ARTIGO

O tempo geológico

5
SOBRE AS PALAVRAS

Entrar com o pé direito

3
ENTRE PARÊNTESES

A que dado fechado corresponde o aberto?

4
ESPECIAL

Olimpíada Paulista de Física 2014

8

Fazendinha Estação Natureza

8

sar de trabalhar no setor de informática. Eu fiquei nesse trabalho dois anos e meio, até o 4º ano.

Quantas horas você trabalhava por dia?

Por semana, 10 horas.

O que você estudou em cada ano de Engenharia?

O 1º e o 2º ano da Engenharia Civil foram bem básicos, praticamente Matemática pura. O que lembro mais do 1º ano foi um trabalho de medição para ver a localização do prédio. Fizemos isso durante cinco dias das férias de julho. O pessoal reclamou muito porque era no meio das férias, mas foi uma atividade mais dinâmica.

E nos anos seguintes, como se desenvolveu a especialização em Civil?

O 3º e o 4º ano são mais específicos. Na área de Civil tem diversos ramos, você acaba vendo que existem opções, transporte, os aeroportos. No 5º ano eram mais optativas na especialização de cada um. Se você gostou de transporte, faz mais matérias de transporte.

Você optou por qual especialização?

Como eu ainda estava na dúvida sobre a opção que escolheria, acabei fazendo um pouco de cada. Fiz a parte de saneamento, a parte de estruturas, fiz uma parte de ambiental, porque ambiental é importante para todas as áreas. Também fiz a parte de transporte, logística.

No 5º ano você pode se especializar em uma determinada área ou fazer algo mais abrangente? É o que você fez?

Exatamente.

No último ano, qual era sua maior preocupação?

Minha maior preocupação era me formar. Eu estava meio atrasada devido ao intercâmbio que fiz. Eu me formei no meio do ano, todos os meus amigos já estavam formados.

Como foi seu intercâmbio?

Meu intercâmbio foi no primeiro semestre de 2013. Fui para Udine, na Itália, para a Università degli Studi di Udine.

Foi pela USP mesmo?

Eu consegui pela Reitoria da USP e ganhei bolsa de mérito acadêmico. Quem tinha as maiores notas da faculdade conseguia essa bolsa.

Como foi o processo para ser aceita no intercâmbio?

Eles olham suas notas desde que você entrou. Depois fazem uma entrevista. Dependendo de para onde você vai, tem entrevistas em inglês. No meu caso eles acabaram fazendo em inglês, com uma ou duas perguntas em italiano.

O que você estudou em Udine?

Fiz um curso voltado para Arquitetura e cursos de Aeroportos e de Ferrovia.

São cursos que você teve na Poli também?

São.

Valeram crédito na USP?

Não. Eram matérias com muitas coisas em comum com o que eu já tinha feito na Poli, nas quais já tinha passado. Mas o que me chamou a atenção para escolhê-los foi o que tinham a mais. Por exemplo, na Itália a tecnologia de localização e coordenadas era através de *drones* já em 2013. Hoje já veio para cá. A primeira vez que vi um *drone* foi lá, tivemos uma aula em que fizemos monitoramento.

As aulas eram em italiano ou em inglês?

Todas as aulas eram em italiano. Em Udine eu fiz um curso intensivo de italiano com outros alunos de intercâmbio. Acabei compreendendo italiano super-rápido.

Como foi ficar um semestre na Itália?

Foi bem divertido no aspecto de que tive de me virar. A gente acaba aprendendo. O que eu gostava mais era do transporte público, eu ia para todos os lugares, tudo de fácil acesso. Udine é uma cidade pequena, isso foi uma dificuldade para me adaptar, por morar numa cidade grande. Depois de me adaptar foi muito bom porque não tem trânsito, podia sair a qualquer hora, as ruas eram limpas todos os dias.

Você voltou para terminar o curso na Poli. Tem TCC na Engenharia Civil?

Tem, em grupo. Meu grupo fez o TCC sobre ar-condicionado solar. Apesar de já existirem alguns, mas apenas para locais rurais que têm bastante terreno. A nossa tecnologia era outra, era de concentradores. A gente tentou desenvolver a parte ambiental.

Além do trabalho que fez na faculdade, você estagiou em alguma empresa?

Sim. Fiz estágio na Infra7 Engenharia. Onde trabalho hoje.

Você entrou quando?

Antes de viajar para o intercâmbio, em julho de 2012. Quando viajei para a Itália, já estava há seis meses trabalhando.

Você voltou para a empresa logo depois do intercâmbio?

Voltei. Eles me mandaram um e-mail enquanto eu estava na Itália perguntando se estava tudo bem e se eu ia voltar.

Como estagiária, qual era o seu trabalho?

Realizar verificações. Verificava o trabalho de algum projetista. Além de fazer algumas "contas de padaria".

Como são essas contas?

Você não precisa fazer o modelo completo para ver se aquele resultado está certo. Você faz apenas algumas contas mais simples. Na época eu também cadastrava documentos.

O trabalho continuou esse mesmo, depois que você voltou do intercâmbio?

Quando voltei comecei a ver coisas mais na área de Engenharia mesmo.

Até o último ano na Poli você tinha dúvidas sobre a especialização. Quando se decidiu?

Ainda no começo do meu estágio tinha bastante dúvida. Depois que voltei do intercâmbio, eu acabei me encontrando num tra-

balho em que a gente estuda os solos, onde vão ser colocadas as estruturas.

O que fez você gostar dessa área?

Um amigo de meus avós veio da China e ele é um mestre em estruturas. Cheguei a conversar com ele algumas vezes. Também tenho um tio no Canadá que trabalha com estruturas. Na verdade, essa é uma das coisas que tinham me chamado a atenção. Pensava em morar no Canadá, trabalhar com meu tio nessa área. Era um dos meus objetivos. Não é mais, porque no Brasil é muito boa a qualidade na parte de estruturas.

Qual o foco da empresa em que você trabalha?

São obras de infraestrutura. A gama maior de projetos é toda em volta do metrô, mas não só de São Paulo. Um pouco de área industrial também. Mas o foco principal é o metrô.

O que fazer para conseguir estágio na Engenharia Civil?

Na minha época era supertranquilo. Foi a época do *boom* das imobiliárias, era onde a Engenharia tinha mais estágios, empregos. Mas hoje já não está tão fácil como antes.

Qual é a importância do estágio na formação profissional?

Tem a vantagem de ganhar experiência. Realmente estágio é muito importante, mesmo para quem está na dúvida sobre o que quer.

Você pretende fazer especialização?

Na nossa empresa o dono está trazendo um curso novo para cá que vai começar no final de março.

De que se trata este curso?

O curso é sobre túneis e postes.

O que você estudou na Poli está de acordo com o que você precisa no mercado de trabalho, no dia a dia?

Acho que está bem de acordo, a Poli me deu uma boa base. Em faculdades de fora o curso tem menos anos, mas eles já entram com um mestrado, uma especialização. Aqui se faz uma faculdade em cinco anos, lá se faz em três. Lá, os dois anos a mais seriam de mestrado.

Tem algum perfil específico para alguém se dar bem na Engenharia Civil?

Quem trabalha em obras, por exemplo, tem de saber mandar em peão, lidar com a parte burocrática, tem de ter um perfil mais de líder. Já na minha área de projetos é só você demonstrar vontade de aprender as coisas. Mesmo as pessoas tímidas conseguem.

O que você acha que diferencia uma pessoa na hora de conseguir emprego?

Eu vejo mais o perfil que a empresa procura. Em segundo lugar, a segurança que você tem de ter. Também vale seu histórico escolar. Eles vão olhar o curso que você fez, se você fez intercâmbio.

Quais são seus planos para este ano?

Para este ano ainda pretendo continuar na minha área, aprendendo bastante.

Na época do Etapa, havia alguma matéria que parecia não ter muita importância para você, mas que hoje você vê que é importante?

Sim, Geografia e História. Geografia, hoje, a gente usa bastante, para ver na área política o que está influenciando mais. Na Itália eu fiz um curso na área de Arquitetura e acabei vendo muito do que já tinha visto no Etapa em História, inclusive em História da Arte.

Quais são suas principais recordações do colégio?

Lembro bastante dos professores, gostava muito deles. E ainda olho as fotos das pessoas que passaram no vestibular, as pessoas pulando de alegria.

Você tem amigos da época do colégio?

Tenho e a gente se encontra, sai bastante. É divertido ver a área em que cada um está, como cada um cresceu. Lembro de quando a gente almoçava juntos, como era divertido.

Você quer dizer mais alguma coisa para nossos alunos?

Aproveitem mesmo, essa é uma época que não volta mais.

SOBRE AS PALAVRAS

Entrar com o pé direito

A expressão “entrar com o pé direito” surgiu no Império Romano e significa começar bem, ter sorte. Na ocasião de grandes festas, os romanos acreditavam que se entrassem com o pé direito evitariam o agouro. A palavra **esquerdo** significa, em latim, sinistro. Foi a partir daí que a crença se espalhou por todo o mundo.

